

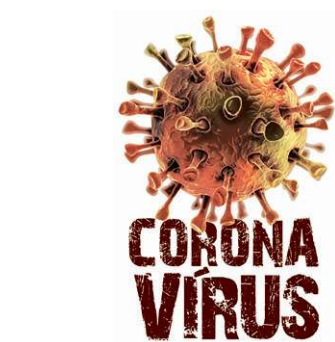
Quadros graves de covid-19 deixam sobreviventes mais vulneráveis, mostra estudo americano. A maioria dos óbitos não é de complicações da doença, o que fortalece a tese de que o Sars-CoV-2 gera danos sistêmicos ao corpo

Risco dobrado de morte por 12 meses

Brandon Bell



Segundo os autores, os resultados indicam a necessidade de adoção de novos protocolos para a assistência médica a pacientes com covid-19



Sequelas da covid-19, como fadiga e falta de olfato e paladar, têm despertado a preocupação de pacientes e especialistas em saúde. Mas as complicações podem ser ainda mais críticas. Segundo cientistas da Universidade da Flórida, nos EUA, sobreviver à infecção pelo coronavírus deixa indivíduos mais vulneráveis à morte. Ao acompanharem 13.638 pessoas submetidas ao teste PCR (considerado padrão ouro para o diagnóstico da infecção pelo coronavírus), eles concluíram que aqueles que enfrentaram um quadro grave da doença têm, em média, um risco duas vezes maior de morrer nos 12 meses seguintes à recuperação, sendo que a maioria das razões dos óbitos não tem relação com a covid.

Para os autores, a constatação é um forte sinal de que a doença pode afetar o corpo humano de uma forma sistêmica e causar danos significativos a longo prazo. “Essas descobertas reforçam que o trauma interno de estar doente o suficiente para ser hospitalizado em razão da covid-19 tem uma grande consequência para a saúde das pessoas. Essa é uma grande complicação da covid-19 que não havia sido demonstrada antes”, afirma, em nota, Arch Mainous, principal autor do estudo e professor do Departamento de Pesquisa, Gestão e Política de Serviços de Saúde da universidade estadunidense.

Mainous e colegas têm rastreado pacientes de covid para investigar os impactos da doença a longo prazo. Um estudo anterior mostrou que aqueles que tiveram um quadro grave e se recuperaram correm um “risco significativamente maior” de serem hospitalizados nos seis meses subsequentes. “O novo estudo estendeu isso para investigar o risco de mortalidade nos próximos 12 meses”, conta o pesquisador. Os resultados foram apresentados ontem, na revista científica *Frontiers in Medicine*.

Dos voluntários da análise mais recente, 13.214 testaram negativo para o Sars-CoV-2, 178 tiveram covid-19 grave e 246, leve ou moderada. A equipe



A covid é ainda mais devastadora do que pensávamos (...) Arriscar e esperar por um tratamento bem-sucedido no hospital não transmite a imagem completa do impacto dessa doença. Nossa recomendação é apostar em medidas preventivas”

Arch Mainous, professor da Universidade da Flórida e principal autor do estudo

considerou covid grave aquela que demandou hospitalizou nos 30 dias seguintes ao diagnóstico positivo. Todos os pacientes se recuperaram da doença, mas, ao longo dos 12 meses de acompanhamento, 2.686 morreram — 2.554 de não infectados pelo coronavírus, 93 que haviam tido covid grave e 39, covid leve ou moderada.

Depois de ajustarem fatores de risco, como idade, raça, sexo e a análise de condições médicas preexistentes,

os cientistas chegaram à constatação de que os recuperados de quadros graves de covid-19 tinham 233% mais probabilidade de morrerem dentro de um ano após a infecção, quando comparados aos que testaram negativos. A mesma condição não foi detectada em quem teve covid leve ou moderada.

Também chamou a atenção o fato de a covid não ter sido a principal razão de morte: 20% das pessoas que tiveram covid grave e morreram no período analisado foram vítimas de distúrbios de coagulação ou insuficiência respiratória, sabidamente ligados à infecção pelo Sars-CoV-2. A maioria dos óbitos — 80% — se deu por uma ampla variedade de razões, o que sugere que essas pessoas experimentaram um declínio geral na saúde que as deixou vulneráveis a várias doenças, avaliou Mainous. “Os pacientes podem sentir que, se forem hospitalizados e se recuperarem da covid-19, venceram a doença. Infelizmente, o aumento substancial da

mortalidade no ano seguinte após a recuperação de um episódio grave mostra que esse não é o caso.”

Cuidados

A análise também revelou uma possível associação entre maior vulnerabilidade e idade. Pacientes com menos de 65 anos que se recuperaram da covid grave corriam maior risco de morrer (o triplo) do que pacientes com mais de 65 anos que foram hospitalizados pela mesma doença (o dobro), quando comparados com homólogos que testaram negativo. Os pesquisadores avaliam que podem ter ocorrido falhas no registro dos óbitos, como a não vinculação à covid em pacientes mais idosos, considerando que a morte não ocorreu logo após a recuperação da doença.

Novas investigações são necessárias para entender mais a fundo esses fenômenos. Mas, a partir dos resultados até agora obtidos, Mainous avalia que já é possível fazer algumas indicações. “O risco posterior para o desfecho mais grave, a morte, é alto o suficiente para fazer com que todos repensem o impacto da covid”, defende.

Uma das medidas indicadas pelo especialista é a adoção de novos protocolos de cuidado. “Nossas descobertas sugerem a necessidade de um acompanhamento mais próximo dos pacientes que foram hospitalizados com covid-19 da mesma forma que vigiamos as pessoas que estão em risco de ataque cardíaco”, indica. “Como, agora, sabemos que existe um risco substancial de morte devido ao que provavelmente seria considerado uma complicação não reconhecida da covid-19, precisamos estar ainda mais vigilantes para diminuir os episódios graves da doença.”

Para Mainous, os resultados também devem servir de estímulo para o fortalecimento de medidas que previnam a infecção pelo Sars-CoV-2. “A covid é ainda mais devastadora do que pensávamos quando estávamos concentrados apenas nos desdobramentos iniciais (...) Arriscar e esperar por um tratamento bem-sucedido no hospital não transmite a imagem completa do impacto dessa doença. Nossa recomendação é apostar em medidas preventivas, como vacinação, para evitar episódios graves.”

Christopher Black / World Health Organization / AFP



O diretor Tedros Ghebreyesus reclama da baixa vacinação e testagem

“Coquetel tóxico” ajuda o vírus

À espera de dados mais substanciais sobre a variante ômicron, previstos para os próximos dias, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou ontem que há um cenário global que facilita o surgimento de outras novas cepas. Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral do órgão, voltou a afirmar que os baixos índices de vacinação e de testagem são extremamente favoráveis ao novo coronavírus. “Temos, mundialmente, um coquetel tóxico com baixa cobertura vacinal e pouquíssimos testes, uma combinação ideal para a reprodução e aumento de variantes”, afirmou.

A agência de saúde das Nações Unidas considera elevada “a probabilidade de que a ômicron se espalhe a nível mundial”. Por isso, a classificou como uma “preocupação” do mais alto nível. O primeiro caso foi anunciado pela África do Sul há uma semana, de uma amostra coletada no último dia 9. Já há registros de infectados nos cinco continentes (**Leia mais na página 9**).

O surgimento da cepa intensificou o debate sobre a desigualdade vacinal na pandemia. Segundo a OMS, apenas

» Tratado sobre pandemias

Os países-membros da OMS iniciaram, ontem, negociações em busca de um acordo internacional para a criação de um tratado para melhorar a prevenção e o combate a futuras pandemias. A decisão foi tomada por unanimidade após uma reunião extraordinária de três dias na Assembleia Mundial da Saúde, órgão de tomada de decisões da agência. Uma fonte diplomática francesa disse à agência France-Press de notícias (AFP) que uma das expectativas desse tratado é reforçar “o poder de pesquisa da OMS”, melhorando sua “capacidade de monitorar e avaliar a situação sanitária nos países”. Agora, as nações devem se debruçar sobre a elaboração do arcabouço legal e decidir se esse instrumento internacional será obrigatório ou não.

0,6% de todas as vacinas contra a covid-19 foi direcionada aos países de baixa renda, a maioria deles localizados na África. “O fim da pandemia não é uma questão de sorte, mas de escolha”, enfatizou Tedros.

A variante preocupa especialistas pelo excesso de mutações, o que pode deixá-la mais contagiosa e, sobretudo, potencialmente mais resistente à imunidade proporcionada pelas vacinas atuais. A expectativa é de que os resultados dos primeiros estudos científicos sobre esses efeitos saiam em duas semanas.

Pfizer

Dados preliminares divulgados pelo Ministério da Saúde de Israel indicam que a vacina da Pfizer — a mais aplicada no país — é ligeiramente menos eficaz na prevenção da infecção com a variante ômicron do que com a delta — 90% e 95%, respectivamente, e que é tão eficaz quanto — cerca de 93% — na prevenção de sintomas graves. O relatório mostra ainda que a capacidade de infecção da nova variante é maior

do que a da delta, mas não tanto quanto se temia — cerca de 1,3 vezes maior.

“Há indícios de que os indivíduos totalmente vacinados contra o coronavírus, em seis meses ou com o reforço, também estejam protegidos contra a variante ômicron”, disse, na terça-feira, o ministro da Saúde do país, Nitzan Horowitz. Um dia antes, porém, a Pfizer

havia divulgado que os resultados sobre o impacto da eficácia devem ser descobertos “em poucas semanas”. Segundo o diretor executivo da farmacêutica, Albert Bourla, foram iniciados, na sexta-feira, os processos para o possível desenvolvimento de uma nova versão do imunizante caso a fórmula atual não seja suficientemente eficaz.